



Director literario:

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

PAPUSSE

O castigo de uma princesa má

CONTO por Maria Luiza Fonseca
Desenhos de Eduardo Malta



RA uma vez uma princesa chamada Véra que era a princesa pior que havia no seu reino. Ora aconteceu que, estando um dia a passear num dos seus jardins, passou uma velhinha que lhe pediu esmola.

A princesa, que tinha mau coração, respondeu-lhe que não dava esmolas. Como a mendiga insistisse, Véra, a preversa princesa, ia a levantar a mão para bater, quando... a velhinha se transformou numa linda fada, que lhe disse: «Visto seres tão má e egoísta, vais ser transformada numa pedra negra.» Dizendo isto desapareceu. A princesa mal se viu assim tão feia pôz-se a chorar mas... o mal estava feito.

O rei seu pai que tinha ficado no palácio estranhou a demora da filha, e mandou os seus servos e escudeiros procurá-la. Como se demorassem muito e êle estivesse



muito aflito resolveu ir êle mesmo em busca de sua filha.

Andou, andou muito tempo até que, cansado, se sentou já desanimado num banco, quando apareceu a linda fada que lhe disse:

«Tua filha era má; disfarcei-me

em mendiga para a poder castigar, encantei-a nesta pedra que aqui vês, e só voltará à sua forma primitiva

quando vier alguém que tenha força suficiente para levantar a pedra e molhá-la neste lago.»

Dizendo isto desapareceu.

Foi o rei para o palácio, e mandou os criados apregoarem pelos reinos vizinhos, que quem fosse capaz de levantar a pedra onde a princesa estava encantada não só casaria com ela mas também lhe daria um tesouro.

Vieram muitos rapazes de todas as categorias mas em

vão. Havia numa floresta um homem que tinha um filho tão valente e com tanta força que o chamavam João Valentão.



Ora o Valentão, mal que ouviu o pregão, resolveu ir levantar a pedra. Mal chegou ao Reino do Rei Thyrsó (assim se chamava o pai da princesa) levantou a pedra com uma só mão e molhou-a no lago. Mal a pedra tocou na água apareceu a Princesa Véra que, com um sorriso nos lábios, estendeu a mão a João Valentão,

agradecendo e jurando que nunca mais seria má nem que fosse para uma... formiga. Foram para o palácio onde casaram e viveram muito felizes.

FIM

HISTORIA DE NALA E DAMAYANTI CONTO INDIANO

ADAPTAÇÃO DE
MARIO ALVES
PEREIRA.

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Viu antros selvagens onde se ocultavam animais ferozes e ninhos onde os pássaros cantavam. Sem cessar chamava Nala e Nala não respondia. Atravessou rios, banhou-se na agua clara das fontes.

A toda a gente que passava, perguntava: «Não viram Nala, o meu esposo, um pobresinho quasi morto de fadiga?» Não. Ninguém havia visto Nala. E Damayanti continuava caminhando e os dias sucediam-se ás noites. As feras passavam por ela e, milagre, quando a viam pareciam cordeirinhos mansos. Uma tarde chegou ao sopé duma montanha; «O' montanha santa, gritou ela, o' pilar da terra, deante de ti, humildemente me inclino. Sou filha dum rei e o meu nome é Damamayanti. Responde, ó montanha sagrada, viste passar o meu esposo?»

A' sua voz eis que a montanha se coroou de luz e que um piedoso asceta desceu do alto e caminhou para Damayanti. Envolvendo a rainha num olhar amigo estendeu para ella as protectoras mãos:

«O' filha de Bhima, disse humildemente, o poder ascético permite-me adivinhar o futuro. Encontrarás felicidade e tornarás a ver o teu rei.

Vê-lo-ás livre dos seus pecados e longo tempo reinará para a felicidade dos povos. Castigará os maus e recompensará os bons; ambos haveis ser abençoados pelos céus.

O asceta desapareceu e a luz da montanha extinguiu-se.

Damayanti continuou o seu caminho.

Um dia encontrou uma caravana de ricos mercadores montando esplendidos cavalos; escravos guiavam gigantescos elefantes carregados de riquezas. Aos mercadores perguntou tambem por Nala, mas, não o tinham visto.

Condoídos pelo aspecto de Damayanti deixaram que ella os acompanhasse.

Assim chegou á cidade do piedoso Suvahu, rei dos Chedís.

Os habitantes da cidade olhavam surpreendidos essa mulher de aspecto nobre, de cabelos em desalinho e pés sangrentos que andava pelas ruas, ao acaso. Algumas creanças que a seguiam atiravam-lhe pedras.

Assim andando passou deante do palacio do rei. A rainha estava no terraço com sua filha e suas aias. Ao ver Damayanti, teve piedade da pobresinha e mandou-a subir.

Mal ella chegou á frente da rainha esta perguntou-lhe quem era e como se encontrava ali quasi nua e morta de fadiga. Damayanti contou toda a sua história mas teve o cuidado de occultar o seu nome e o nome do seu esposo. Enternecida a rainha convidou-a a ficar no palácio.

«Rainha, respondeu Damayanti, o teu acolhimento consola-me na minha miséria e aqui ficarei se consentires no pedido que te faço.

Admirada, a rainha respondeu-lhe:

«Fala, espero que os teus pedidos sejam razoaveis».

«Peço-te, disse ella, para não ser tratada como escrava. Que os homens não falem comigo senão com o meu consentimento. Que aquele que me dirija palavras de galanteio seja punido pela minha mão.

Falarei com sábios brahmanes para assentarmos nos



meios de encontrar o meu esposo; a eles só direi o meu nome e o nome do meu país.»

«Tu és cheia de prudencia e de virtude, disse a rainha. Concedo-te o que me pedes». E chamando a sua filha, disse-lhe: «Sunanda, eis a tua companheira e tua amiga.

Tendes ambas a mesma idade: juntas sereis felizes».

Sunanda e Damayanti beijaram-se.

Aves cantavam nos jardins reais.

Ora depois de ter abandonado Damayanti Nala continuou o seu caminho atravez da floresta: andando, andando

chegou perto dum bosque que um grande incendio destruiu; de entre as chamas ouviu uma voz que gritava: «Socorre-me, ó virtuoso Nala!» Nala entrou pelo bosque e viu um homem que se debatia no meio das labaredas; pegando-lhe pelos braços arrastou-o para fóra do fogo. «Obrigado, grande rei. disse o homem. Para te provar o meu reconhecimento vou revelar-te o futuro: Ainda tens mais que sofrer, Nala. Precisas acabar de espantar o teu pecado; recordas-te duma tarde em que, a brincar com os teus filhos, te esqueceste da hora de resar?»

«Sim... sim... agora sei donde provem toda a minha desgraça...»

«Pois bem, continuou o homem, voltarás a ver Damayanti e os teus filhos e o teu reino ser-te-á restituído.

Mas terás ainda que sofrer. Toma este manto vermelho e cobre-te com ele; tem o poder de te transformar fazendo-te tão feio que nem tu mesmo te has-de conhecer. Põe-o nos ombros, toma o nome de Vahuka e dirige-te para a cidade de Ayodhya; lá chegando entra ao serviço do rei Rituparna. Serás empregado como moço das cavaliças reais e por mais humildes que sejam os teus trabalhos, sê docil sempre e não te queixes nunca. Serás perdoado no dia em que os teus olhos voltem a ver Damayanti. Tira só então o manto vermelho e será em todo o teu esplendor que has-de aparecer aquela que tu amas».

Como o novoeiro da manhã o homem desapareceu e Nala pondo o manto vermelho dirigiu-se para a cidade de Ayodhya.

Uma vez lá, foi admitido sem custo ao serviço das cavaliças e começou trabalhando sob as ordens de Varshneya, do mesmo que já havia sido seu criado.

Mas o pobre passava as noites sem dormir e varias vezes Varshneya lhe ouvia frases entrecortadas; intrigado resolveu-se a interrogá-lo: «Vahuka, porque te lamentas assim? Surpreendi já muitas vezes os teus suspiros e as tuas lágrimas. Não me ocultes nada, sou teu amigo».

E Vahuka então fingindo que lhe contava a triste sorte dum seu grande amigo, contou-lhe a longa historia das suas atribuições.

Varshneya fingiu acreditar.



Entretanto Bhima tendo tomado conhecimento das desgraças que affligiam Nala e Damayanti, enviara emissários brahmanes para os procurar.

Um deles, Sudeva, chegou finalmente à cidade dos Chedis. O rei e a rainha receberam-no no seu palacio e quando conversavam, eis que o brahmane parou de repente e disse:

«Senhor, dá-me licença que fale uns instantes com uma das mulheres que acompanham a rainha». E com o olhar designava Damayanti.

«Sudeva, disse a rainha, se a companheira de minha filha o permite, podes falar com ela».

«Consinto em que este brahmane fale comigo» disse então Damayanti.

Afastaram-se os dois para um canto da sala e algum tempo falaram.

A princesa Sunanda que os estava observando, correu para sua mãe, dizendo: «Mãe, olha a minha amiga! Que nova lhe teria dado o brahmane? Parece perturbada e os seus olhos enchem-se de lágrimas...».

Por fim Sudeva dirigiu-se ao rei e à rainha e disse-lhes: «Conheceis o nobre rei dos Vidarbhas, áquele a quem chamam Bhima?»

Esta que vêdes és a filha Damayanti.

Conheceis o famoso rei dos Nishadas, áquele a quem chamam Nala? Esta que vêdes é sua esposa, Nala, o infelizmente, perdeu o seu reino; Damayanti foi a sua companheira de exílio».

«Tu és a filha de minha irmã, disse a rainha. Compreendo agora porque te quiz tanto desde que te vi».

«Já o sabia, disse enfim Damayanti. Já o sabia. Foi por vergonha que occultei o meu nome». Alegremente a rainha e Sunanda beijaram Damayanti.

Damayanti voltou para o reino de seu pai. Mas, apesar da alegria de voltar a ver os seus filhos, não esquecia Nala.

E chamando Sudeva pediu-lhe que o fosse procurar por toda a parte e que o trouxesse, pois só assim voltaria a ser feliz.

«Rainha, disse o brahmane, partirei; visitarei todos os reinos e se Nala ainda for vivo hei de trazê-lo ao país dos Vidarbhas».

Depois de percorrer muitas cidades, Sudeva entrou enfim na cidade de Ayodhya. No palacio do rei ninguém sabia tambem dar noticias de Nala.

Só Varshneya quando ele já vinha a retirar-se o deteve e disse:

«Ha neste palacio um homem que diz chamar-se Vahuka e que conta uma aventura perfeitamente igual á de Nala. Queres vê-lo?»

Sudeva seguiu Varshneya até ás cavaliças; foram encontrar Vahuka chorando e repetindo sósinho as suas lamentações. Escutaram.

«Outrora, disse Sudeva, ouvi Nala falar e nunca mais me esqueci da sua voz».

«Sim, continuou Varshneya, muitas vezes ouvindo Vahuka julguei ouvir o proprio Nala».

E ambos combinaram um plano que serviria para reconhecer o rei.

Sudeva saiu da cidade e voltou alguns dias mais tarde.

Novamente recebido pelo rei Rituparna, disse-lhe assim:

«Rei, venho anunciar-te que Damayanti desiludida de tornar a ver o seu esposo resolveu, de acordo com seu pai, convocar os reis para nova assembleia nupcial.

Ambos esperam a tua comparencia. Mas precisas apressar-te pois a reunião terá lugar amanhã».

«A'manhã! exclamou o rei: como posso eu percorrer num dia a distancia que me separa dos Vidarbhas?».

«Chama os teus servidores, ó rei, talvez entre eles haja algum que num dia te possa conduzir ao país de Bhima».

Rituparna chamou os seus vassallos e disse-lhes: «A rainha Damayanti vai escolher um novo esposo. A assembleia reunirá amanhã. Ha entre vós um homem que me conduza num dia ao país dos Vidarbhas?»

Vahuka tremia de emoção; adiantou um passo e exclamou: «Eu te conduzirei. Deem-me cavalos e um carro e já estaremos amanhã. Vem».

Dentro em pouco o carro partia guiado por Vahuka, transportando o rei.

Foi uma corrida vertiginosa durante o dia todo e toda a noite. Na manhã seguinte o carro parava á porta do rei Bhima. E eis que Vahuka, com o seu manto vermelho, desceu do carro antes do rei e correndo entrou pelo palacio e



O CASTELO DO DIABO

Por Horacio de Castro Guimarães
Desenhos de Eduardo Malta

ESTA história aconteceu há muitos anos — tantos que nem os meninos fazem idéia! Há perto de novecientos años...

Foi no tempo em que muitos milhares de Cristãos à voz dum frade—Pedro o Ermita—que os incitava à guerra santa contra os turcos, partiram para a Palestina, decididos a libertar das mãos dos infieis, o túmulo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Usavam esses guerreiros, como distintivo, uma cruz vermelha de pano, pregada sobre o ombro direito. E foi daí que lhe veio o nome de *Cruzados* e a estas expedições e outras que durante muito tempo se lhes seguiram, — a designação de *Guerras das Cruzadas*, como depois na História, ficaram a ser conhecidos.

Ora duma vez, numa noite de inverno, muito fria e muito escura, com grandes bátegas de chuva a cair do Céu, en-



tre lufadas terríveis de vento, caminhava, encharcado, cheio de fome e cansaço, um pobre soldado das *Cruzadas*, perdido nas serranias altas de Espanha. Nesses tempos, como os meus amiguinhos sabem, não havia ainda comboios, nem carros, nem automóveis, e mesmo que houvesse, o nosso homem era tão pobre, que nem um cavalo tinha e via-se forçado a vir a pé, lá de longe, das terras afastadas do Oriente. A sua aldeia ficava ainda distante, na Lusitânia, junto das faldas dos montes Hermínios, nome porque era conhecida a nossa linda serra da Estrela. E o de graçado tinha-se deitado ao caminho, já há tantos dias que lhes perdera a conta, dormindo de dia pelos montes e pelos campos, com receio dos lobos e ursos, que à noite saíam e enfestavam as serras. Para poupar um punhado de dinheiro, que levava consigo, para a mulher e para os filhos, esmolava o seu sustento e nunca entrava numa estalagem.

Mas nessa noite, a chuva era tanta e a tempestade tão forte, que o pobre, sentindo-se adormecer de fome e de fadiga, não resistiu à tentação de bater à porta duma casa, que de longe e no escuro, viu rebrilhar, com um belo fogo acêso na lareira.

Vieram abrir-lhe e êle entrou. Pouco depois, sentado em frente do lume que o aquecia e lhe enxugava a roupa o soldado devorava, sófrego, uma grande tijela de caldo

Aventuras de PIM, de PAM e de PUM



Levantaram-se da cama
Pim, Pam e Pum; em seguida,
Com alfinetes de dama,
Preparam nova partida.



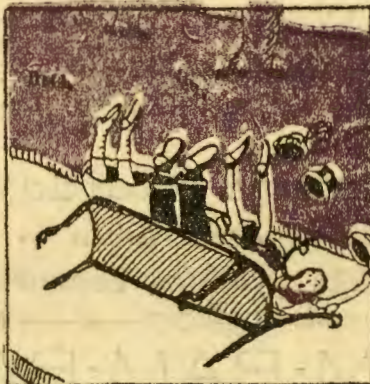
Ao passarem na avenida,
Veem, com contentamento,
A família Boavida,
A descansar um momento.



Aos alfinetes seguram
Grandes flos; com os bicos
Cuidadosamente juram
E prendem todos os quicos.



Já de longe a petizada,
Pucha os cordeis duma vez;
E a família atrapalhada,
Levanta ao ar mãos e pés.



Os quicos vão pelo ar,
E numa reviravolta
Para os chapeus agarrar,
Toda a família se volta.



Assim, pois, foi castigada,
Quem tinha tão boa vida
Emquanto que a petizada,
Desata numa corrida!

O. O.

(Continuação do conto O CASTELO DO DIABO)

saboroso e um naco farto de toucinho com pão. Emborcou em seguida, um alto cangirão de vinho quente com maças e, satisfeito, regalado do descanso e da boa quentura das brasas, entrou de conversa com um visinho, um açmocreve de longas barbas, que o temporal desabrido obrigou também a pernoitar ali. Soube por êle, que aquela casa era a célebre hospedaria do *Alma do Diabo*, — assim chamada, por se dizer, numa redondeza de muitas léguas, que o seu dono tinha pacto com o Demónio e que fazia o comércio directo das almas dos vivos, para as profundas vermelhas do Inferno...

O soldado, que era temente e acreditava em Deus e nas almas da Santíssima Trindade, ficou estarelecido com a notícia e não pôde deixar de se benzer logo, com devoção. Imediatamente, lá fóra, um enorme trovão abalou a casa e um cheiro forte a enxofre queimado, fez espirrar, e tossir toda a gente. E o *Alma do Diabo* surgiu, à entrada da cosinha, empunhando um enorme facalhão...

Era uma figura terrível: alto e cabeludo, uns olhos que chispavam lume, uma boca larga, com dentes aguçados de animal feroz. Os braços, arregaçados, tinham manchas de sangue e a cobrir-lhe o peito e os joelhos, trazia um gróssio avental de couro. Todos se calaram e achegaram para o escuro, ao vêr aquele monstro!

Mas o nosso homem, que na guerra aprendera a ser valente e corajoso desembainhou a espada e foi direito ao gigante, que recuou uns passos, em frente da ponta da lamina brilhante.

— «És tu o patrão da casa?» perguntou o soldado.

— «Sou eu mesmo! Que me queres?» responderam o estalajadeiro, com um vozeirão tão forte, que fez despegar da chaminé pedaços de fuligem e cair no lar dois chouriços do fumeiro.

— «Quero que me mandes arranjar boa cama para aqui passar esta noite...



voltes a aparecer-me.

(Contínua no próximo numero).

(Continuação do conto NALA e DAMAYANTI)

correndo entrou pelo palacio e galgando as escadas atravessou as salas.

Ao ver Damayanti atirou para o chão o manto que o cobria e gritou: «Damayanti! Damayanti!

E ambos se estreitaram longamente num abraço, longamente...

Nala resplandecia de novo na sua antiga formosura.

* * *

Rituparna ficara muito espantado ao vêr Vahuka transpor como um doido as portas do palácio. Os guardas conduziram o rei à presença de Bhima. Nala estava preparado para a assembleia nupcial. Só o rei estava para o receber. Bhima dirigiu-lhe palavras de boa vinda e disse-lhe a alegria que tinha de o saudar.

«Mas, perguntou, porque vens tu ao meu reino sem me avisar?»

Rituparna não sabia que responder.

Não querendo falar da assembleia ficou um momento embaraçado.

«Que desejas tu de mim? perguntou de novo Bhima, com a maior cortezia.

«O nobre rei, disse êle enfim, quiz provar-te a minha amizade e assegurar-te o meu respeito...

Mas neste momento apareceram Nala e Damayanti; viam abraçados e os filhos seguiam-nos brincando.

Rituparna num instante compreendeu quem o tinha conduzido ao reino de Bhima e acrescentou: ... e quiz trazer-te aquele pcr quem a tua filha chorava...

* * *

Houve grandes festas no país dos Vidarbhas. Nala no entanto, queria que o tornassem a vêr outra vêz tão forte e poderoso como outrora. E voltou ao país dos Nishadas. Tornou a jogar os dados com o seu irmão Pushkara. Os deuses desta vêz, protegeram-no. E ganhou de novo o reino perdido.

Mas Pushkara parecia agora tão desgraçado que Nala teve pena dêle e deu-lhe metade do reino.

E anos e anos viveu assim na prosperidade com os seus filhos e com a linda Damayanti.

F I M

ERRATA—No numero 9 do nosso jornalsinho, na continuação do conto que estamos publicando, encontra-se, ao fim da pag. 2, uma *gralha* que escapou à nossa revisão. Eis o que lá devia estar: «Começou então para Damayanti um longo caminho de Tortura, atravessando sósinha, noite e dia, montanhas e planícies. Já não duvidava que o seu tormento era o castigo de haver desprezado os Deuses.»

Esperamos que os nossos pequeninos leitores nos desculpem...

Concursos do PIM-PAM-PUM!

Aviso aos retardatarios

Faltam apenas cinco dias para o encerramento dos
Três grandes concursos

—DO—

PIM-PAM-PAM!

Quem se não habilitou aos nossos prêmios que se habilite ainda

Nota importante: — Atendendo ao grande numero de concorrentes, os directores do *Pim-Pam-Pum*, resolveram mandar imprimir menções honrosas que serão distribuídas por todos os autores cujas produções, não havendo merecido os primeiros premios, sejam contudo dignas de tal louvôr. Ver as condições dos concursos publicadas nos numeros anteriores.

CORRESPONDENCIA

Henrique Mary Casanovas—Ainda há o n.º 1 e 2. Podes mandar. Manda conto.

Julia, Amelia e Luiz Dias—Recebi a cartinha, que agradeço. Mandem os continhos e desenhos, mas originais.

Sim?...

José de Almeida Rijo—Os desenhos que nos enviou são copiados. Porque não faz originais? Mesmo que fiquem mais mal feitos, tem mais valor. Cá os esperamos.

Gervasio—... Veremos se pode ser...

Abel Dias Moreira e Joaquim de Brito Abrantes—E a série? Julio de Souza Coaço—Vão para concurso.

Mário Marques de Magalhães—Explendidos!... E' pena serem feitos a lápis.

Armando Magalhães—Conheço-os de vista... mas cá vão.

Helena da Silva Graça—Muito engraçadinhos. Vão para concurso. Agradecemos a oferta.

José Lázaro—E' um pouco conhecido, mas veremos o que se pode fazer...

Oscar Moreira—São conhecidos. Podes mandar retrato e originais. Não massas nada.

Avião Vieira—Muito obrigado!... muito obrigado!... Posso pôr o chapéu?... Agora os nosso assuntos:

Podes concorrer ao que quizeres e manda coisas.

Plimière—Não desanimes. Os seus versos vão ser sujeitos à apreciação de pessoa mais competente para poderem ser publicados.

Odília Canola da Silva Freitas—Recebi a cartinha! Manda

o retrato, para eu saber quem é a minha grande amiguinha... A história está muito bonita.

Antônio Damaso da Silva—Os 3 concursos podem vir ao mesmo tempo.

Se não puder arranjar um envelope do tamanho do desenho, embrulhe-o num papel, ate um fio e lacre.

Ou, por ultimo, faça um canudo, metendo-lhe dentro um papelão para não se amarrutar.

Alberto Emílio da Costa Santos Pinto—Podes mandar uma história, uma poesia ou um desenho. O que quizeres, por uma só vez.

Armando dos Santos—Podes concorrer só ao segundo.

Raul Ramos Matoso—Os contos devem ser originais, quere dizer: inventados por tuocês.

E os desenhos também. E' preferível que venham a tinta preta e aguarela.

Antônio José de Lemos Salta e Albino R. d'Almeida—Podem mandar.

Recebemos para os concursos, as produções dos concorrentes:

Serie A

Luçinda Sautana Campos, Mario Marques de Magalhães, Maria Natijidade Passos Pereira de Castro, Basquine Custódio Costa, Francisco Gonzalez Simões, Helena da Silva Graça.

Serie B

Armando de Magalhães, Hilda da Conceição Moura, Manuel Rodrigues Matos, Anibal Loureiro, João Gonzaga Simões, Adão Vieira.

Serie C

José de Almeida Rijo, Gertudes da Soledade Nobre, Julio de Sousa Caiçaca, Francisco Nunes Moura Junior, Manuel Brandão Guerra.

HORA do RECREIO

Transformação de uma carta de jogar

Passatempo Científico

É possível transformar uma carta de jogar numa cadeia continua de 1^o, 30 de comprimento, apenas com um canivete e uma tesoura. Não ha duvida de que a operação é um pouco complicada mas poder-se ha executar facilmente se se seguir com exactidão esta marcha:

Tomemos uma carta de jogar e tratemos de a transformar sem tirar nem acrescentar nada, até que se lhe dê a forma da bonita cadeia que se vê em volta da gravura junta.

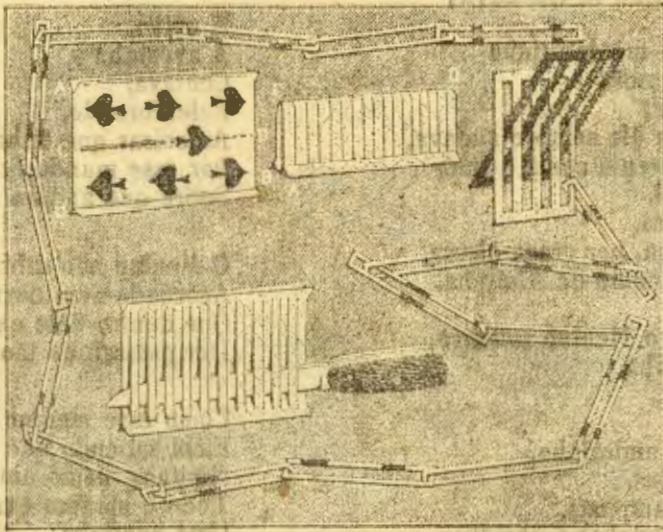
Eis aqui as diferentes fases da operação:

1.^o Com um canivete fendem-se as duas bordas laterais A e B da carta: numa largura de dois milímetros. Como as cartas de jogar se compõem de muitas folhas sobrepostas o pegadas, facilitar-se ha a operação molhando ligeiramente as duas bordas laterais que se querem abrir.

2.^o Dobrem-se à direita e à esquerda as bordas A e B procurando que a dobra seja perfeitamente rectilínea.

3.^o Dobre-se a carta seguindo a sua linha do meio C D.

4.^o Com uma tesoura corte-se a carta em linhas perpendiculares à dobra C D e separadas entre si dois milímetros; estes cortes não deverão passar além da dobra das bordas.



Maneira de transformar uma carta de jogar numa cadeia de cartão

5.^o Desdobre-se a carta em cima duma mesa e introduza-se-lhe um canivete alternativamente por cima e por baixo das folhas que ficaram entre os cortes, de modo que se separem de duas em duas seguindo a linha formada pela dobra das bordas. Faça-se o mesmo na outra borda da carta, mas tendo o cuidado de que o canivete passe desta vez por cima das folhas, debaixo das quais passou pouco antes. Deste modo ter-se-hão formado duas grandes rectangulares, encaixadas uma na outra, e figurando, como se vê à direita da gravura uma espécie de cadeia de tesoura como as que se usam nos jardins.

6.^o Com a tesoura cortam-se as folhas da carta seguindo as linhas dos pontos, e a cada corte verá-se cair um elo da cadeia

que se queria fazer, estando este elo enlaçado com os seus dois imediatos, e o conjunto formará uma cadeia continua, cada um de cujos elos terá de largura um milímetro nos lados maiores e dois milímetros nos lados menores.

Com alguma habilidade conseguir-se ha executar rapidamente estas diferentes operações, para as quais a nossa gravura será um precioso auxiliar.

Adivinhas

Alguem me disse na escola
Que estava na caçarola!
Mas depois de procurar
Fui encontra-lo no mar,
Apesar da Alice Moura
Dizer tel-o na vassoura
E meu primo Daniel
Que o tinha no quartel?..

Milita

* * *

Para os meninos teimosos que queiram ler ás avessas

SOCORRAM MARROCOS

* * *

Decitração das adivinhas do numero de Carnaval

- 1—Eduardo Malta
- 2—Santa Rita
- 3—Pereira da Rosa
- 4—Trindade Coelho

Meus meninos:

O Pim, o Pam e o Pum, num dia em que estavam com telha, chamaram a este sujeito Papo Sêca. Ele enfureceu-se tanto, que... perdeu a cabeça! Se os meninos o ajudassem a procurá-la, prestavam-lhe um grande serviço.



Alminha



ERA uma vez um menino,
Pequenino,
Que Menino se chamava;

Ora este menino tinha
Uma formosa
Avesinha,
Que com ele sempre andava,
Transparente como o tule;
Ave azul,
Misteriosa,
Que tinha, por graça airosa,
O lindo nome de Alminha.

Quando o Menino sonhava,
A avesinha
Abalava,
Voava
Como a andorinha,
Pelos céus,
Sobre campinas,
Entre florinhas e abrolhos,
Levando nos olhos seus
As duas lindas meninas
Que havia
Nos olhos do pequenino;
E era com elas que via,
Com as meninas dos olhos
Dos olhos desse menino!

Quando o Menino acordava,
O passarinho voltava
À sua gaiola d'oiro
Que havia no coração
Daquêle menino loiro.

E então,
A avesinha
Contava,
Relembrando,
As coisas que tinha visto
Por esse mundo de Cristo
Sobre que andara pairando.

O Menino não sabia,
Acordado nem dormindo,
Que dentro d'ele existia
Um passarinho tão lindo.

Como esse menino loiro,
Ficai sabendo que em vós
Meninos, como um tesoiro,
Todo o menino em si tem:
Uma avesinha
Também,
Que tem o nome de Alminha
E vive dentro de nós.

(INÉDITO)

V E R S O S

D E

AUGUSTO DE SANTA-RITA



D E S E N H O S
D E
E D U A R D O
M A L T A